

Os tempos de cada um: relações de gênero e subjetividades no devir MST¹

Profa. Dr.^a Cristiani Bereta da Silva - UFSC

A primeira invasão lembro como se fosse hoje...Foi bonito, chegou a dar uma emoção na gente porque aquilo tu olhava era gente com carroça, era com caminhão, era gente a cavalo, até meu pai foi com a carroça pro acampamento. Nós ficamos, e no outro dia cedo nós fomos, porque era perto de onde nós morávamos. Mas foi bonito o dia, deu uma emoção que tá louco! De ver eles indo, com bolsa e tudo!²

No dia 07 de setembro de 1979, 110 famílias sem-terra montaram acampamento na gleba³ Macali, Rio Grande do Sul. Em maio de 1980, 300 famílias acamparam na fazenda Burro Branco, em Campo Erê, Santa Catarina. E em meados de 1980, Eliane era uma menina que, sem escolhas, já fazia parte das lutas e disputas pela terra que estavam sendo travadas no Oeste catarinense.

O pai de Eliane, como muitos outros trabalhadores rurais sem-terra naquele momento histórico, estava animado com a possibilidade de conseguir um pedaço de terra, principalmente com as notícias das mobilizações que vinham acontecendo no campo: Macali e Brilhante no Rio Grande do Sul, Burro Branco em Santa Catarina. Assim, passou a se organizar junto com outros companheiros e seguindo as estratégias políticas indicadas nesses grupos, acabou por levar sua família a participar das lutas pela terra em sua região, ou seja, foram fazer parte das ocupações e tornaram-se acampados.

Durante esse período, Eliane e suas irmãs viviam como todas as outras crianças acampadas: entre poucas brincadeiras infantis e muitas tarefas domésticas, entre cuidados com os pequenos e outros “auxílios” prestados aos mais velhos, vivenciavam as angústias daqueles momentos tensos. Cotidianos de dificuldades onde as precárias condições de saúde, higiene, esperas por cestas básicas e outras doações em alimentos ou roupas, além do frio, da chuva, da lama...ditavam o ritmo de vida.

Em 1983, aos 7 anos de idade, viu o pai ser preso por resistir à reintegração de posse da fazenda em que estavam acampados no município de Palma Sola, extremo Oeste do Estado

¹ Este texto faz parte da Tese de Doutorado: "As fissuras na construção do "novo homem" e da "nova mulher" - Relações de gênero e subjetividades no devir MST - 1979-2000", apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da UFSC e orientada pela Profa. Dr.^a Joana Maria Pedro.

² Eliane.Casada três filhos. Entrevista concedida em 03/09/99. Dionísio Cerqueira/SC.

³ As glebas de Macali e Brilhante eram terras remanescentes da antiga fazenda Sarandi localizada no município gaúcho do mesmo nome e que foi desapropriada em 1962 pelo governador do Rio Grande do Sul no período, Leonel Brizola.

catarinense. Suas lembranças, narradas, ilustram uma parte das angústias e aflições reconstituídas de sua infância:

O pai foi preso...Ficou quase dois meses preso, a mãe grávida com todos nós pequenos, eu e mais uma menina, uma menina e mais grávida de outra, ficou sozinha... ainda que o pessoal ajudava, que se vinha tormenta e chuva e nós debaixo da lona, caía tudo, e o pai preso, eu perdi tudo, perdi a minha infância...foi triste porque não aprendi a ler, nada, nem escrever, ficamos todos esses anos debaixo da lona, não tinha professor nada, e daí fomos embora, meu pai cansou porque estávamos muito pobres, não tinha nem o que comer, daí ficamos três anos na cidade e meu pai voltou de novo...⁴

Eliane não aprendeu a ler, não aprendeu a escrever, passou - entre idas e vindas -, *quase sete anos debaixo da lona*. Cuidava dos “menores”, ajudava a mãe e casou-se, como tantas outras moças conhecidas suas, bastante jovem. Só que casou com um homem que sonhava, assim como seu pai, em conquistar também seu “pedaço de chão”. E, talvez com as mesmas ou nenhuma escolha quanto as que teve em sua infância, passou a participar de invasões no Oeste de Santa Catarina ao lado do marido e filhos pequenos.

Eliane passou grande parte de sua vida vivenciando tempos diversos, experiências distintas no interior do MST: foram tempos de dificuldades e angústias, mas também de esperanças, conquistas. Tempos em que cresceu, viveu, casou, teve seus filhos, tempos de idéias e ações em construção. Processos que constituíram e substanciaram um Movimento que hoje conhecemos como Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Um lugar que através das lutas e reivindicações dos homens e mulheres que o constituem – em sua heterogeneidade – tem possibilitado questionamentos e reflexões a práticas excludentes e hierárquicas que seguem naturalizando as diferenças entre os sujeitos e suas relações ao longo da história.

É a partir desse lugar, de uma ponte entre o que foi vivido em meados de 1980 e sobre o que se pensa e atribui ao MST, vinte anos depois, que Eliane reconstitui suas lembranças, que fala sobre um antes e um depois, estabelecendo o MST como um marco de mudanças. Eliane fala de seu passado com certa angústia, no entanto, fala de seu presente com orgulho, faz questão de informar como tudo melhorou, mudou. *Eu acho que tudo mudou...*

Mudança. Nesse sentido, a fala de Eliane não é singular, dezenas de depoimentos e trabalhos sobre o MST falam sobre a mudança, sobre a construção de um “novo sujeito” a partir do momento em que se passa a fazer parte da luta. A Eliane menina que seguiu seu pai e mulher que seguiu seu marido, fala a partir e do interior de um lugar político. Mas esse político, informado, sobretudo, pelo gênero põe em perspectiva outras dimensões.

Olha, eu pra dizer a verdade eu consegui mesmo descobrir que a mulher tem o mesmo direito que o homem, como qualquer um também, que o mais grande e o mais pequeno tem o mesmo direito foi aqui mesmo no assentamento, eu fiquei

⁴ Eliane, entrevista já citada.

mesmo por dentro do assunto, que a gente mulher como mulher tem que lutar, tem que ir adiante, não pode pensar só nas panelas, no fogão, e nos filhos e na casa.⁵

O MST foi e ainda é um espaço onde diferentes discursos e práticas são investidos sobre os sujeitos que o constituem. Discursos cujos efeitos acabaram se encontrando de maneira bastante significativa – bem onde muitos deixam de procurar - nas relações de gênero. Práticas prescritivas, disciplinares foram sendo construídas e (re) produzidas como investimentos sobre os homens e mulheres, sobre suas relações familiares, políticas, afetivas. Investimentos que para Eliane são lembrados sob um olhar singular. Mas o que a história de Eliane revela entre dualidades temporais em antes e depois do MST, é também o que esconde. As mudanças, as quais Eliane e tantos outros falam têm percorrido caminhos que descortinam perspectivas e expõem fissuras tanto no desejo quanto nos investimentos de se construir o “novo”, a partir da luta pela terra.

Em jogos implícitos no interior dos espaços do MST, o homem, a mulher ordinária - talvez nada comuns – traçam movimentos. Artes de pensar, onde o tempo presente confunde-se com as dezenas de histórias sobre o tempo de acampado: tempo em que ainda esperavam pela terra. Mudanças e permanências, diferenças sutis entre tempos e espaços fazem parte de suas vidas e de suas relações. Entre acampamentos e assentamentos, os modos de sentir, de fazer, indicam o tempo de cada um. As múltiplas temporalidades trazem sonhos e angústias, conquistas e contradições e assim são contadas, lembradas ou reinventadas...⁶

Neste momento é importante informar que, para além das falas, o que se pretende inicialmente é pensar um espaço e nele constituir impressões. Não é um exercício que tem como objetivo dar a “real” dimensão do que é um acampamento ou um assentamento, seus moradores ou suas relações, mas sim possibilidades de descortinar “modos de sentir”, rupturas nas vivências e devires dos sujeitos no MST.

A própria idéia de espaço precisa ser relativizada, no sentido que não encerra um “contexto”, mas sim o forja, o constitui, em diferentes relações e movimentos. São interpretações críticas, mesmo que provisórias, que permitem ler entre as linhas os improvisos nas vivências cotidianas de sujeitos, homens e mulheres num processo de vir a ser MST. Maria Odila L. da Silva Dias sugere um exercício hermenêutico do cotidiano, capaz de conferir *certa dose de relativismo para documentar diferenças, delinear formações específicas de classes sociais em sociedades diferentes, mostrar a diversidade e fluidez das relações de gênero.*⁷

A apreensão, o sentir-se “parte da luta” não foram uma escolha para Eliane, ela iniciou-se na luta através do pai. Passou a fazer parte de ocupações ainda criança e antes de completar 7 anos

⁵ Idem.

⁶ Trazendo Certeau em cada palavra, este parágrafo certamente vem comprovar sua própria teoria: “*malgrado a ficção da página em branco, sempre escrevemos sobre algo escrito.*” CERTEAU, Michel de. A Escrita da História. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p.109.

⁷ DIAS, Maria Odila Leite da S. Op. Cit., 994.

num acampamento na região de Palma Sola passou dois meses sob angústias e dificuldades extremas em função da prisão do pai, preso em meio aos conflitos com policiais na ação de despejo da fazenda ocupada. Atualmente permanece “na luta” em função do marido, líder do MST na região. Entre idas e vindas diversas, reside com seu marido e filhos no assentamento Conquista na Fronteira, espaço de onde recuperou partes de sua memória e (re) constituiu um pouco da sua história agora ao lado do marido:

Nós tava lá em Passos Maia, (acampados) como eu contei, daí eu já tinha uma tia minha que morava aqui (Conquista na Fronteira) e o irmão do meu marido também, daí a Irma conversando me pediu se nós gostaria de um dia vir para cá, daí eu falei que era tudo que eu queria. Porque lá também a gente enfrentou de novo mais luta ainda, porque daí eu já sabia o que era ser mãe, o filho doente, que nem a minha filha que ficou bastante doente lá e dificuldade de comida e coisas assim. Muitas vezes tu não tinha um pedacinho de carne pra fazer uma sopinha, uma coisa pra dar pra ela doente como ela estava. Daí a Irma convidou nós e foi onde nós viemos pra cá e graças a Deus nós estamos bem. O que comer e pra saúde a gente sempre tem, um estudo pras piizadas. O que eu mais espero e dar estudo para os meus filhos, que eles cresçam na vida, que não sejam que nem eu, que tenha que ficar copiando até mesmo o nome por ter enfrentado tanta luta debaixo da lona, não saber escrever, nem lê...⁸

Quando as primeiras ocupações de terras foram feitas em Santa Catarina, Tânia estava lá, e junto com seu marido participou delas. Foi também junto com ele que conquistou a terra onde há quase dez anos mora no assentamento Conquista na Fronteira:

...ficamos acampados quatro anos. Foi muito difícil, muito sofrido, até fome a gente passou, às vezes de chegar meio-dia e tu não ter nem o que colocar na panela, porque era muita gente pra trabalhar e não era sempre que conseguia trabalho. O que tu tinha antes de ir acampar, num ano, dois, foi terminando, foi vendendo. O trabalho era dividido por grupo, vamos supor, se conseguisse trabalho pra tantas pessoas, aí hoje era dia dessas pessoas trabalhar, aí na semana que vem ficava no barraco e arrumava para outros, porque era muita gente. Passamos muitas dificuldades, frio...até que foram fazer despejo também na fazenda Caldate, mataram o Olívio Albani... daí ficamos mais um ano e pouco na São Luiz, hoje é assentamento lá também, só que a terra não dava pra todas as famílias que tinham lá, era mais família que terra. Daí tinha vaga aqui e meu marido veio, fez estágio, daí aprovaram de nós vir morar aqui, faz nove anos em 10 de dezembro (1999).⁹

Num acampamento o tempo de esperar às vezes é cruel, *no fim nós já estávamos desanimados, já quase não se cantava mais...*¹⁰ Mas mesmo em meio ao desânimo, existe sempre a esperança de que, cedo ou tarde, a ocupação resultará numa desapropriação, numa área destinada para fins da reforma Agrária. E foi isso que aconteceu para grande parte das 60 famílias que hoje compõem o assentamento Conquista na Fronteira, Dionísio Cerqueira, e as 84 que formam o assentamento 30 de outubro, Campos Novos. Não obstante, ainda hoje, somente em Santa Catarina,

⁸ Eliane. Entrevista já citada.

⁹ Tânia. Entrevista concedida no assentamento Conquista na Fronteira em 03/09/99.

¹⁰ Lurdes. Entrevista já citada, 03/09/99.

existem centenas de famílias acampadas esperando esta oportunidade.¹¹ Quando isto acontece, algumas famílias, escolhidas segundo critérios já definidos anteriormente, passam então à condição de “assentadas.”¹²

Esses critérios variam um pouco, dependendo do acordo estabelecido entre INCRA e MST. Todos devem estar cadastrados no INCRA, e o que normalmente acontece é o assentamento daquelas famílias que estão há mais tempo acampadas, variando em algumas situações, questões como idade e número de filhos. Os solteiros também podem ser assentados. No entanto é pouco comum, sendo ainda menos comum encontrar mulheres solteiras.¹³ No assentamento Conquista na Fronteira, foram assentados dois grupos, um, composto de cerca de 25 famílias, foi organizado no próprio município de Dionísio Cerqueira e outro do MST, formado por dezessete casais e dezessete solteiros. No grupo dos solteiros apenas uma mulher que, talvez não coincidentemente, seja liderança estadual do Movimento.

Depois de “conquistada a terra”, os homens, mulheres e crianças do MST passam a uma outra etapa da luta. Politicamente, uma etapa na qual a luta pela terra cede espaço à luta por créditos, custos dos insumos, preços e acesso a mecanismos institucionais, entre outras coisas. Além disso, os assentamentos tornam-se espaços estratégicos que possibilitam a articulação de outras ações em busca de novas conquistas, e também, de certa forma, é a produção dos assentamentos que contribuem substancialmente para viabilizar economicamente o próprio MST. Isto porque uma porcentagem da produção anual de cada assentamento é destinada ao movimento estadual e nacional.¹⁴

O significado atribuído aos acampamentos, como *um dos momentos mais fortes da luta. É uma fase que cria a consciência dos trabalhadores, no confronto, nas difíceis condições de vida...*¹⁵ E a etapa posterior, ou seja, os assentamentos significando uma outra estratégia de luta - como

¹¹ Exemplos desses acampamentos foram o “Oziel Alves Pereira”, com cerca de 900 famílias e o “Olivio Albani”, com 90 famílias, ambos localizados na cidade de Abelardo Luz e são recentes, de 1997. Dados do MST/SC. Boletim Informativo Regional Oeste I. *Terra Livre*. Ano 1, n.º1, maio de 1998, p.03.

¹² Segundo dados recentes, em SC existem cerca de 62 assentamentos, (incluindo assentamentos estaduais e INCRA) onde 2.519 famílias vivem e trabalham de forma coletiva, ou até mesmo individual. Sobre esses dados, ver: STÉDILE, João Pedro. *Questão Agrária no Brasil*. São Paulo: Atual, 1997, p.39.

¹³ Não há dados sobre os solteiros, pois geralmente a inscrição e quantificação dos dados são feitas por família. Além disso, o INCRA mesmo reconhece que a falta de dados desagregados por sexo dificulta a obtenção de informações sobre o número de mulheres assentadas e beneficiadas com o título de posse da terra. Uma estimativa grosseira, elaborada a partir do censo da Reforma Agrária de 1996, revelou que a participação feminina representa menos de 12% (doze por cento) do total de assentados, enquanto estudos preliminares, derivados do censo agrícola de 1995, mostraram que o número de mulheres proprietárias de terra é, ainda, muito menor. Fonte: www.incra.gov.br

¹⁴ MST. *Normas Gerais do MST*. São Paulo: Coordenação Nacional, setembro de 1989. No capítulo XI que dispõe sobre as normas gerais dos assentamento, os artigos 87 à 94 tratam sobre este assunto. Esta questão inclusive foi bastante discutida recentemente através da mídia. Como um segredo do “polichinelo”, o fato de que cada assentamento deve destinar uma parte de seus rendimentos líquidos anuais para a organização do Movimento, foram manchetes em jornais e revistas. Com ares de ofendido, o Governo Federal, inclusive, propôs auditorias em todas as Cooperativas administradas pelo MST. Convém lembrar que todas estas “denúncias” - além de não se constituírem em “segredos”, pois são normas dispostas claramente nas publicações do MST - ocorreram estrategicamente poucos meses antes das eleições municipais em 2000.

lembra o poeta: *quando chegar na terra, lembre de quem quer chegar. Quando chegar na terra, lembre que tem outros passos para dar...*¹⁶ - acabam convertendo-os em espaços imprescindíveis ao processo de mudanças tanto na produção, quanto nas relações econômicas, sociais e de gênero dos indivíduos que o integram. Homens e mulheres de diferentes regiões, culturas e modos de ser vêm-se diariamente inseridos num processo de formação de sujeitos imbuídos a representar um grupo social específico, com causas específicas.

Para Célia Vendramini, o MST, constitui-se como um espaço de socialização política, permitindo aos trabalhadores “aprenderem”, na prática, formas de se unir, se organizar, participar e lutar, *além da elaboração de uma identidade social, de uma consciência de seus interesses e direitos e, finalmente, a apreensão crítica de seu mundo, de suas práticas e representações sociais e culturais.*¹⁷

Assim, mesmo tendo presente que cada sujeito re-significa a seu modo, as idéias e propostas do MST, todos os moradores entrevistados trazem em suas falas a afirmação de mudanças substanciais em suas formas de viver, de pensar, de se relacionar. Para os homens, a mudança mais marcante foi trabalhar coletivamente:

A partir que a gente veio para o assentamento, que a gente trabalhou coletivo a vida mudou. A gente não precisa trabalhar tanto, trabalha menos e tem uma vida melhor. A vida mudou totalmente, os filhos da gente não trabalham metade do que a gente trabalhou quando era jovem.¹⁸

Aqui, para além das mudanças citadas pelos assentados, é importante observar também a forma significativa que cada gênero, masculino e feminino, situa suas lembranças, diferenciando suas falas. Quando são chamados a lembrar de acontecimentos já passados, ou apenas a falarem sobre seu cotidiano, os homens muitas vezes reportam-se a fatos, datas, enfim, marcos políticos:

A ocupação aconteceu em 25 de março, cerca de 1500 famílias se organizaram e ocuparam a fazenda Bandeirantes, que na época pertencia a São José D’Oeste, e outra fazenda em Abelardo Luz. Isso aconteceu em 25 de março de 85, e uma parte dessas famílias que vivem aqui passaram por essa ocupação. Então naquela época o governador era o Amim, que agora é governador de novo...¹⁹

Porém, para as mulheres, principalmente aquelas que não ocupam posições de lideranças, estas não são as referências mais importantes. Existem outras. Suas lembranças são trazidas sempre com a ajuda de outros acontecimentos, não os políticos, mas sim aqueles localizados em seu corpo, em sua família, em seus parentes e filhos. Ao responder sobre as questões que envolveram as ocupações, não raro situam suas lembranças, de modo bastante significativo: Noélia, inicia falando que *...Na ocupação de 25 de maio de Abelardo Luz eu estava grávida, perdi de cinco meses. Não*

¹⁵ BRUNETTO, Irma. “A consciência se forja no confronto”. *Jornal Sem Terra*. Ano IX, n.º 85, julho de 1989, p. 06.

¹⁶ BOGO, Ademar. “Quando chegar na terra.” *Arte em Movimento*. Disco compacto do MST.

¹⁷ VENDRAMINI, Célia Regina. Op. Cit. p.92.

¹⁸ Orlandi. Entrevista concedida em 16/02/98. Dionísio Cerqueira/SC.

¹⁹ Mário, casado, dois filhos. Liderança no assentamento. Entrevista concedida em 03/09/99. Dionísio Cerqueira/SC.

*sei o que aconteceu, fiquei mal e daí se foi...*²⁰ Lurdes, por sua vez, lembra que quando foi para sua primeira ocupação: *naquela época nós só tinha a Tânia, só uma menina...* E falando de sua vida no acampamento recupera suas lembranças falando: *eu estava grávida naquela época, lavava roupa uns dois quilômetros longe do acampamento.* Quando fala do assentamento outra marca da memória singular:

Em Anchieta, na Sanga Azul, lá foi muito sofrido. Nós chegamos não tinha nada, imagina tu tocar uma terra sem nada, nem comida nós não tinha. Eu já fui pra lá grávida, e cheguei logo em fevereiro. Em abril, eu perdi o nenê. Nasceu assim doente, já com problema e morreu, durou só oito dias...²¹

Outras mulheres trazem a doença de pais, mães, ou morte de alguém conhecido, enquanto marcadores de tempo. *Nós sempre fomos colonos, pequenos colonos, meu pai era bastante doente, nós trabalhávamos, sofriamos bastante...*²² Segundo Perrot, a forma como as mulheres registram os acontecimentos, estão ligados à sua condição, ao seu lugar na família e na sociedade. Lugares que de alguma forma lhes foram atribuídos historicamente por “convenção e posição”. *Pela força das circunstâncias, pelo menos para as mulheres de antigamente, e pelo que resta de antigamente nas mulheres de hoje (o que não é pouco), é uma memória do privado, voltada para a família e o íntimo.*²³

No assentamento Conquista na Fronteira os homens falam de um lugar político, as mulheres falam de um lugar íntimo. Ao menos neste espaço, parecem ser estas ainda as medidas das coisas, das lembranças. Mas se estas falas possuem qualidades que informam o lugar de gênero, não é possível falar em linhas rígidas que possam diferenciar as memórias pelo sexo. Não concordo que a memória seja sexuada, homens e mulheres vivenciam diferentes momentos e acontecimentos de formas diversas, e por estarem relacionados às condições históricas que produziram e definiram os gêneros nas relações sociais e culturais, não enfatizam em suas falas, necessariamente os mesmos fatos e questões.

Portanto, se a fala de homens e mulheres diferenciam-se em alguns momentos, noutros é possível perceber algumas semelhanças significativas. Semelhanças que informam os modos em que os sujeitos se relacionam com as mudanças que tanto falam. As prescrições e práticas disciplinares sobre os homens e mulheres, sobre suas relações familiares, seus espaços de sociabilidades, atuações políticas, quase sempre recaem sobre formas diferentes de se viver segundo o gênero de cada um. Entre as tentativas de se produzir novas subjetividades, novas relações afetivas também são produzidas e (re) inventadas.

²⁰ Noélia. Entrevista. 02/09/99. Dionísio Cerqueira/SC.

²¹ Lurdes. Entrevista concedida em 03/09/99. Dionísio Cerqueira/SC.

²² Odete. Entrevista. 03/09/99. Dionísio Cerqueira/SC.

²³ PERROT, Michelle. Práticas da Memória Feminina. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero, vol. 09, n.º 18, agosto/setembro de 1989, p.15.

...quando eu era solteira, logo que eu casei, meu serviço era trabalhar em casa e não saía, não participava em reunião nenhuma, e a partir que eu vim morar pra cá, eu notei uma grande diferença, porque aqui, trabalhando no coletivo, nós temos direito de participar em reunião, de ir fazer um curso, nós temos o direito de participar...²⁴

No interior de acampamentos e assentamentos, homens e mulheres se vêem envolvidos na busca da construção do “novo”, proposto pelo MST. Contudo, entre idas e vindas, percorrendo caminhos distintos acabam encontrando outras formas de viver esse “novo” no cotidiano. E embora a preocupação com a luta pela terra e com a produção cooperativa sejam constantes nas linhas ideológicas do MST, outras preocupações e efeitos emergem em seu dia-a-dia. Como por exemplo, o comportamento de cada integrante do movimento, os papéis atribuídos a homens e mulheres, a (re) produção de suas experiências através de discursos, leituras, canções, e a maneira pela qual os sujeitos relacionam-se com estas práticas disciplinadoras, suas formas de escapar à elas, problemas, contradições.

Ao invés de descortinar apenas o novo, muitas vezes, os caminhos ou descaminhos dessas buscas e investimentos, desvelam diferenças, acentuam antigas e históricas construções de valores. Diferenças que, (re) produzidas nos assentamentos, têm uma outra dimensão daquelas vividas nos acampamentos, onde, como já foi colocado acima, as diferenças - e entre elas, as de gênero - eram atenuadas pela necessidade premente da coesão do Movimento. Os assentamentos acabaram convertendo-se em espaços onde outras lutas são travadas, (re) produzidas nas dobras das relações de gênero.

²⁴ Maria. Entrevista. 02/09/99. Dionísio Cerqueira/SC.